

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

CONTOS
E
NOVELAS

ISBN 978-3-95421-159-3

2020

Editora: minifanal

© Dirk Friedrich

Dorfstr. 57a, D-53125 Bonn

Desenho da capa: minifanal

www.minifanal.de

ÍNDICE

Contos Breves

O Caixão.....	7
Maria Augusta.....	10
Ladislau Ventura.....	13
A Mendiga.....	15
Amor Vencido.....	17
Recordar É Viver.....	19
Tragédia.....	22

Novelas

O Sexto Sentido.....	29
Diários.....	36
O Homem dos Sonhos.....	53
O Fixador de Instantes.....	66
Mistério.....	82

Mário de Sá-Carneiro (1890-1916) por Fernando Pessoa.....	111
--	-----

CONTOS BREVES

O CAIXÃO

a Ricardo Teixeira Duarte

... E, no meio da alegria ruidosa dessa ceia de rapazes, a voz grave do Patrício Cruz fez-se ouvir:

«Há de haver três anos numa linda tarde d'abril, estava eu sentando na minha veranda, lendo o jornal, quando de súbito os meus olhos se fixarem em dois moços de fretes que, a passo regular, caminhavam conduzindo um grande caixão forrado de vermelho.

«Ao passarem por defronte duma taberna, pararam, pousaram o lúgubre traste e entraram no estabelecimento...

«A noite vinha cáindo serenamente e enquanto os dois homens saboreavam lá dentro o «divino licor», o caixão jazia cá fora, à borda do passeio...

«Os transeuntes, achando o facto vulgar, nem sequer lhe lançavam um olhar distraído... No entanto, ele, ali, na rua atravessada continuamente por numerosos entes vivos, era como que um cartaz anunciador da morte!...

«Sempre com os olhos pregados nele, pus-me a meditar, e, meditando, fantasiei um par de jovens noivos, cheios de vida, alegres, felizes, avançando ternamente enlaçados, murmurando doces palavras d'amor, fazendo mil projetos para o futuro e que de repente tropeçassem no hediondo monstro que, inex-

orável, lhes clamaria numa gargalhada estrídula, horripilante: – «Folgai! Folgai que eu vos espero!... »

«Mas os dois homens haviam já saído, e, erguendo do chão o fúnebre objeto, lá continuaram o seu caminho...

«Era possível que à mesma hora, na casa habitada pelo corpo a que esse caixão ia servir de leito eterno estivesse uma mãe chorando amargamente, rodeada pelos seus pobres filhos que – morto o pai – ficavam na miséria...

«Sim, era possível; mas também era possível haver apenas, em lugar desse comovedor quadro, um «herdeiro» ambicioso, voraz, derramando lágrimas hipócritas sobre o corpo ainda quente daquele que acumulara e aferrolhara por largos anos a fortuna que finalmente lhe ia pertencer...

«Impelido por uma força desconhecida, levantei-me, fechei a janela e, sem saber como, achei-me na rua, seguindo a horrível caixa vermelha!...

«Tinha caminhado não sei durante quanto tempo, tinha atravessado não sei que ruas, quando de súbito estaquei anelante e como que paralisado: o sinistro frete entrava para o teatro do Príncipe Real, onde na noite seguinte se devia realizar a primeira representação do «Morto Vivo», drama cujo segundo ato – lá dizia o cartaz – se passava numa câmara mortuária!...

«Ah! ao ver tal, ao ver que esse caixão que tanto me impressionara, que me sugeria tão sombrios pensamentos, não passava dum mesquinho adereço de

teatro, senti uma sensação igual à que sentiria se me tivessem arremessado à cara com um balde d'água fria...

«A passos vacilantes, a cambalear como um ébrio, encaminhei-me para minha casa...

«Detei-me. Adormeci...

«No outro dia, ao acordar, lembrei-me da «terrível» aventura da véspera, soltei uma gargalhada, e, à noite ... fui assistir á «primeira» do «Morto Vivo»

.....

MARIO DE SIRCOANERA.

(Revista *Azulejos* n.º 51 de 7 de setembro de 1908)

MARIA AUGUSTA

a José Mantua

No primeiro andar do prédio n.º 57 da Rua Augusta
vê-se uma tabuleta com os seguintes dizeres:

«AU NOVEAU PARIS»
CONFECTIONS POUR DAMES
M.^{ME} ROSA SILVA.

Era nesta casa que, ainda há dois meses, trabalhava
Maria Augusta... Hoje não; hoje já não trabalha...

*

* *

História vulgar e banal, a desta rapariga!

Filha dum pedreiro e duma criada de servir, que o
seu nascimento transformara em «mulher a dias», viera
ao mundo apenas como preço dum prazer...

Aos quatro anos, sua mãe, «para se ver livre dela»
durante o dia, metera-a na mestra. Saíra aos oito,
sabendo o alfabeto: « - Nada, que numa modista já
podia ganhar um tostãozinho por semana.»

Por isso entrou para casa duma vizinha que
trabalhava para as mulheres dos operários do bairro,
Passava todo o dia a fazer recados: ir comprar dez réis
de chá, pôr o caixote de lixo à porta, levar um vestido,
ouvir a descompostura inevitável: « - Faça favor de
dizer lá que a saia ficou uma porcaria! Os forros não

prestam para nada! Assim não me serve! O que não falte é modistas!»

Passados seis meses, saíra desta casa e fora para outra; depois para outra, para muitas mais, até que aos 17 anos se encontrara no «importante atelier *Au nouveau Paris*» - mal parecia que um estabelecimento frequentado pela sociedade elegante, tivesse um nome português - ganhando 17 vinténs diários: tantos vinténs quantos os seus anos...

*

* *

Era muito formosa, Os seus sedosos e abundantes cabelos negros coroavam um rosto encantador. Os seus lábios vermelhos e viçosos, pedindo beijos ardentes, serviam de cofre a uns pedacitos do mais puro marfim. A sua pele, branca e acetinada, era o invólucro dum corpo escultural e exuberante de vida...

*

* *

Um dia, na rua, um homem murmurou-lhe ao ouvido a seguinte frase - «Como é linda!»

Maria, ao chegar a casa, pegou no seu pequeno espelho, colocou-o diante dela e, passado um quarto d'hora, estava finalmente convencida de que lhe haviam dito a verdade! Sim, não havia dúvida, era «muito bonita»...

*

* *

Como todas as mulheres, adorava os vestidos e as joias.

Uma vez um sujeito, idoso já, ofereceu-lhe, diante duma ourivesaria, um anelzito de dois mil réis. Ela aceitou entusiasmada. O sujeito idoso pediu-lhe, em paga, um beijo. Ela deu-lhe vinte.

Passados dias, um garboso mancebo convidou a para o acompanhar ao teatro. Havia de recusar semelhante gentileza? Por certo que não...

Findo o espetáculo, o seu companheiro meteu-se num trem com ela e, Maria, como não podia negar coisa alguma áquele que lhe proporcionara três horas tão agradáveis, deu-lhe tudo quanto ele lhe pediu...

*

* *

Vertiginosamente foi caminhando para o terrível e irremediável «fim»...

Os seus lábios, hoje, já não são tão vermelhos, embora os cubra com carmim; a sua pele já não é tão fina e tão branca, embora a esfregue todos os dias com glicerina, cobrindo-a depois com pó d'arroz. No entanto, Maria Augusta, hoje, já não trabalha...

(Revista *Azulejos* n.º 54 de 28 de setembro de 1908)

LADISLAU VENTURA

a Milton Machado d'Aguiar

Ladislau Ventura, quando eu o conheci, era um rapaz de 19 anos, magro, trigueiro e de faces encovadas. Os seus olhos negros - como negros eram sempre o fato, o chapéu e a gravata que trazia - brilhavam como dois carbúnculos e neles transparecia claramente o génio ou a loucura. Tinha uma paixão: as «letras». Fazia versos, escrevia romances, arquitetava peças que eu e mais dois amigos íntimos ouvíamos sempre com pachorra e às vezes com prazer. A sua única ambição era a glória e a celebridade. Para as alcançar não recuaria diante de nenhum obstáculo. Foi isso mesmos que mostrou mais tarde:

Um dia, cansado de percorrer os teatros para ver se algum lhe representaria uma peça, farto de entrar nas livrarias sem conseguir que lhe editassem um romance, sentiu-se desanimado. Em breve, porém, recuperou o ânimo: é que se lembrara do conhecido adágio «querer é poder» e, cheio de coragem, pôs-se em busca do meio de «poder». Achou um magnífico:

Com uma atividade febril, em três ou quatro meses, manufacturou dois novos dramas e três novos romances, enviou-os pelo correio a um livraria. Passados alguns dias comprou um camarote no D. Amélia, munuiu-se dem revólver e - o leitor por certo que ainda não esqueceu essa emocionante tragédia - quando

decorria o último ato dos «Amordaçados!», desfechou-o sobre a formosa Estér Valdez, que desempenhava a protagonista desse peça, atingindo-a em pleno coração. Depois voltou a arma contra si...

Numa das suas algibeiras foi encontrado um papel que dizia apenas o seguinte:

«Chamo-me Ladislau Ventura. Não sou ninguém. Amo loucamente uma mulher pela qual nunca me poderei fazer amar. Por isso, morro. Não consentirei, porém, que outro alcance aquilo que eu não posso alcançar: No mesmo dia em que abandonar a vida, arrebatarei também a dessa mulher.»

Todos os jornais transcreveram estas linhas chamando ao crime «espantosa tragédia vivida», «horrível drama d'amor», etc., e muita menina romântica chorou e se apaixonou pelo «sombrio herói de tão comovedora tragédia»...

.....

Pouco tempo depois, os teatros anunciavam as peças do «poético criminoso» e as livrarias os romances do «terrível amoroso». Que magnífico reclamo!! As edições esgotaram-se, os teatros encheram-se e hoje ninguém desconhece o nome de Ladislau Ventura...

(Revista *Azulejos* n.º 60 de 9 de novembro de 1908)

A MENDIGA

... Pedia esmola porque as suas pobres mãos encarquilhadas já não serviam para o trabalho, porque o seu corpo, ajoujado com o peso dos anos, se inclinava para o chão, olhando a terra a quem brevemente iria servir de pasto... Lutava pela vida, apesar de quase morta... Pedia esmola...

*

* *

Era um dia lindo d'agosto e ela lá ia caminhando, pisando as pedras da calçada que, aquecidas por um sol abrasador, queimavam os seus velhos pés descalços... Havia dois dias já que não comia. Sua filha, uma transviada da vida que se afogara no pântano lodacento da prostituição e do crime, pedira-lhe chorando algum dinheiro para o seu amante... Ele dera-lhe todas as poucas moedas de cobre que possuía...

Das famílias que habitualmente a costumavam socorrer, só uma, por falta de meios, ficara na cidade. Era para a sua porta que se encaminhava. Subiu a escada, bateu, esperou. Um padeiro que descia disse-lhe: « - Aqui não está ninguém, tiazinha. Saiu-lhes a sorte grande e foram ontem para fora.» Bateu então às portas dos outros andares. Em todos lhe deram a esmola dum carinhoso «Tenha paciência»... Saiu; foi caminhando até que se encontrou numa ruazinha

deserta; sentou-se à borda do passeio e, sem forças já para lutar com a morte, entregou-se-lhe serenamente...

... Era um dia lindo d'agosto e o seu pobre corpo jazia inerte sobre as pedras ardentes da calçada...

(Revista *Azulejos* n.º 67 de 2 de janeiro de 1909)

AMOR VENCIDO

Amavam-se loucamente com um tão grande amor, que só poderia ser vencido pela morte...

Em breve iriam pertencer um ao outro.

Ela, órfã de pai, vivia com a sua mãe, uma senhora de 50 anos, que, pelos desgostos, aparentava ter mais de 60.

Mãe e filha eram extremamente parecidas. Ele dizia até, muita vez sorrindo:

- Quando olho para tua mãe, vejo-me transportado d'aqui a muitos anos, quando formos velhos, quando fores uma avozinha.

*

* *